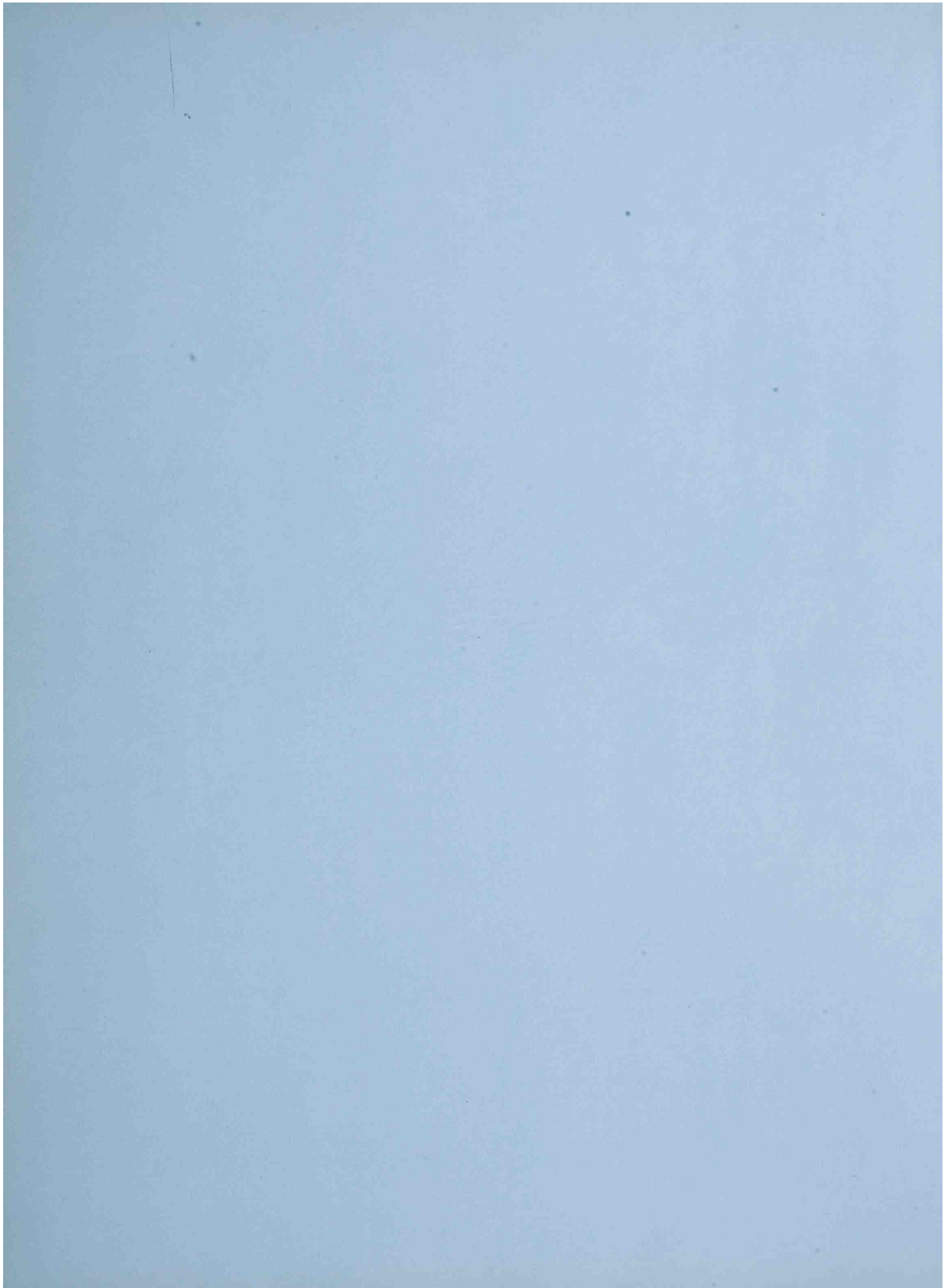


SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada

Hespèrion XX e
La Capella Reial de Catalunya

Jordi Savall
direção



1997

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA
apresenta

Hespèrion XX
e La Capella Reial de Catalunya

Jordi Savall
direção

*Música & Mitologia
Canti guerrieri et amorosi*

promoção



Apoio
Institucional
da Prefeitura do
Município de
São Paulo
Lei 10.923/90



*Hespèrion XX
e La Capella
Reial de Catalunya*

Durante a Antiguidade, as penínsulas Ibérica e Itálica, localizadas no oeste europeu, eram designadas conjuntamente pelo nome de *Hespéria*, palavra de origem grega que significa ocidental. Com essa mesma raiz etimológica, a expressão hespério designava também os originários dessa região e, ainda, o nome dado ao planeta Vênus, quando de sua aparição no Oeste do céu ao raiar da noite.

Reunidos em torno do propósito de estudar e interpretar a música antiga adotando premissas artísticas atuais, e fascinados pela riqueza do repertório hispânico e europeu anterior ao ano de 1800, Jordi Savall (arcos), Montserrat Figueras (voz), Lorenzo Alpert (sopros e percussão) e Hopkinson Smith (cordas dedilhadas) fundaram, em 1974, o conjunto *Hespèrion XX* e desde então vêm-se dedicando à interpretação e à revalorização desse riquíssimo universo musical.

Ao longo de seus mais de vinte anos de existência, *Hespèrion XX* tem-se mantido fiel às suas origens, realizando um grande número de programas inéditos em concertos ao vivo, em apresentações pelo rádio e pela televisão e em gravações que ultrapassam a marca de 25 títulos, editados por selos como EMI, *Astrée*, *Philips* e *Deutsche Grammophon-Archiv*.

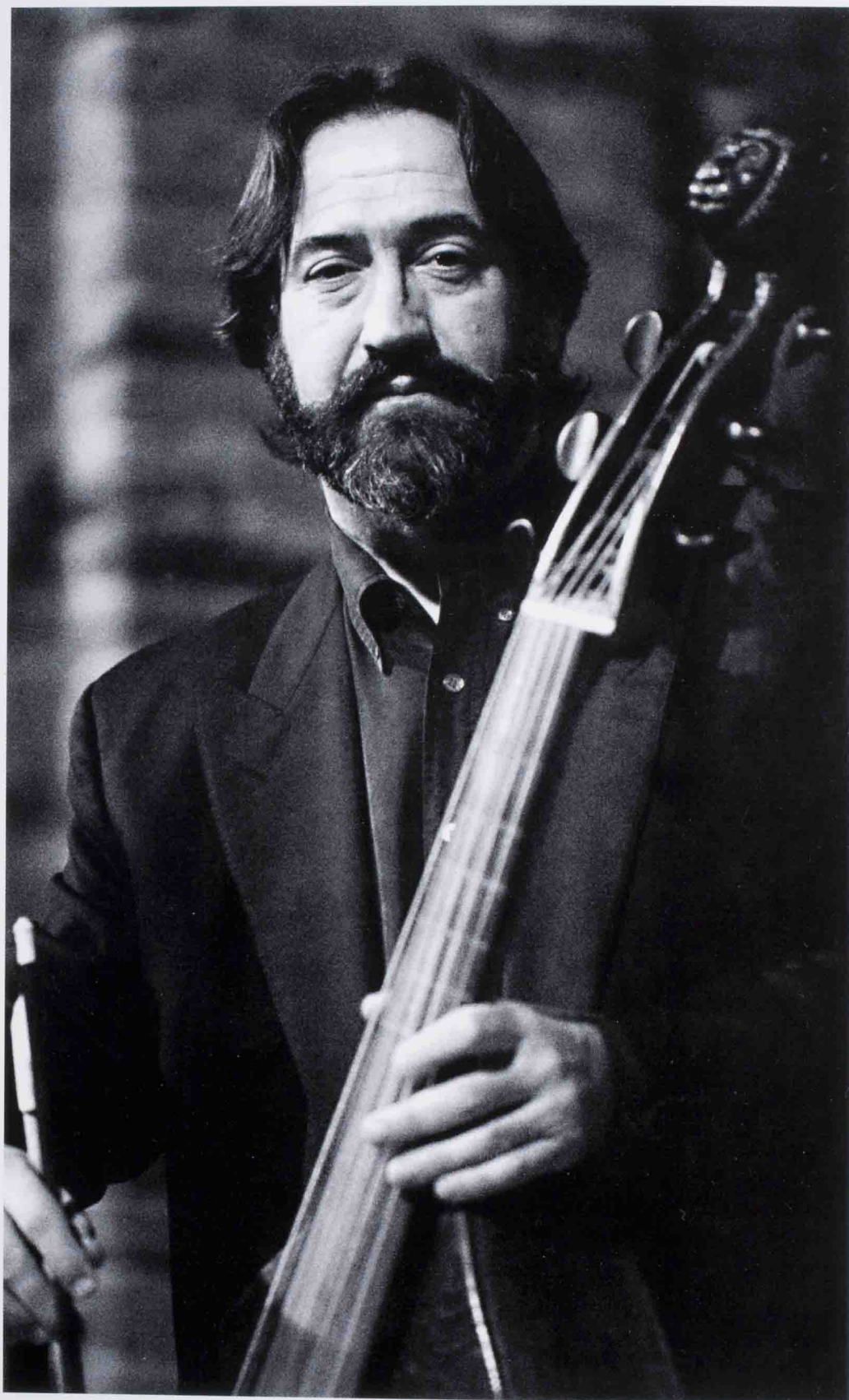
As freqüentes turnês de *Hespèrion XX* têm levado o conjunto, repetidamente, a importantes salas de concerto da Europa, dos Estados Unidos, do Japão, do México e da Venezuela, e a alguns dos melhores festivais internacionais de música, principalmente de música antiga, como por exemplo o *Berliner Festspiele* e os Festival de Paris, da Holanda, de Genebra, de Flandres e de Granada.

O repertório de *Hespèrion XX* abriga amplo arco de compositores e programas musicais: dentre os compositores, destacam-se nomes como os de Cabezón, Gabrieli, Frescobaldi, du Carroy, Scheidt, Hume, Brade, Gibbons, François Couperin e Bach; dentre os programas, merecem menção títulos como *Musique au Temps de Cervantes*, *Musique Napolitaine de la Renaissance*, *Llibre Vermeil de Montserrat*, *Romances Sefardites*, *Cansós de Trobairitz* e *Le Baroque Espanhol*. A discografia de *Hespèrion XX*, sob regência de Jordi Savall, inclui álbuns como *L'Art de la Fugue*, de Bach, *Lachrimae or Seaven Tears*, de Dowland, *Lawdes Deo*, de Christopher Tye, *Les Nations*, de François Couperin, *Romances & Villancicos*, de Juan del Enzina, *Concert Music for Viols*, de John Jenkins, *Sonate da Camera & Sinfonie*, de Rosenmüller, *El Cancionero de Palacio*, *El Cancionero de la Colombina*, *El Cancionero de Medinacelli*, *Intermedios del Barroco Hispánico*, de Lope de Vega (com a soprano Montserrat Figueras) e, ainda, com *La Capella Reial de Catalunya*, ciclos de obras de origem religiosa de Morales, Guerrero e de Victoria.

Abordagem de tão amplo e sofisticado repertório exige formações musicais diferenciadas e intérpretes que possuam não apenas virtuosismo impecável, mas também profundo conhecimento dos diferentes estilos e épocas. Em *Hespèrion XX* esses dois requisitos estão presentes de modo completo e definitivo: trata-se de um conjunto que reúne extraordinários solistas em cada naipe e que é capaz de adaptar-se, sem perder sua identidade de excelência, aos mais variados repertórios e programas musicais.

Desde a sua criação, há vinte e três anos, *Hespèrion XX* vem dando uma resposta original e eloqüente aos desafios para a interpretação da música antiga: em sua arte convivem, harmoniosamente, a criatividade individual dentro do trabalho coletivo e a síntese dinâmica entre expressão musical, conhecimento estilístico-histórico e a imaginação criativa dos intérpretes do século XX.

Jordi Savall
direção e viola da gamba soprano



Catalão de Barcelona, onde nasceu em 1941, Jordi Savall é um criador e intérprete que se inscreve na linhagem dos grandes artistas que a Catalunha tem dado ao mundo: Gaudí, Miró, Picasso e Pablo Casals, para citar apenas alguns nomes. Foi Casals quem primeiro impressionou fortemente o jovem Savall, que desde cedo compreendeu que a música, mais do que um ofício ou profissão, representava para ele verdadeira e inescapável vocação. Após formar-se pelo Conservatório Superior de Música de Barcelona, em 1965, Savall interessou-se fortemente pela prática da música antiga e passou a trabalhar ao lado de Enric Gisbert e a colaborar com a formação *Ars Musicae*. Três anos depois, ingressou na *Schola Cantorum Basiliensis*, na Suíça, onde se diplomou em 1970, trabalhando sob orientação de Auguste Wenzinger. Pesquisador inquieto e músico sedento por alargar os horizontes de sua arte, rapidamente pressentiu que a plena realização da música antiga exigiria bem mais do que a sua simples adaptação aos instrumentos dos dias de hoje.

Em seus anos de isolamento na Suíça, quando a Espanha vivia os horrores da ditadura de Franco, Savall redescobriu a viola da gamba e as práticas de execução de época. Assim, em 1974, ao lado da soprano Montserrat Figueras e de músicos de diferentes países da Europa, fundou o *ensemble Hespèrion XX*, que em pouco tempo alcançou posição de destaque e vanguarda na interpretação do repertório medieval, barroco e renascentista. Desde o início de sua trajetória conjunta, Savall e *Hespèrion XX* estabeleceram um novo paradigma para abordar a música antiga, caracterizado pela conjugação perfeita entre vitalidade musical pulsante e profunda fidelidade histórica.

Em 1987 Savall voltaria a Barcelona e, paralelamente a suas atividades à frente de *Hespèrion XX*, criaria *La Capella Reial de Catalunya*, conjunto vocal que se dedica sobretudo à interpretação do repertório mediterrâneo anterior ao século XIX; dois anos depois, fundaria também a orquestra *Le Concert des Nations*, formação especializada no repertório europeu barroco e clássico interpretado com instrumentos de época e que reúne músicos oriundos de países latinos. À frente de *Le Concert des Nations*, Savall registrou inúmeros álbuns, dentre os quais se destacam *Quatro Aberturas para Orquestra* e *Concertos Brandemburgueses*, de Bach (com a colaboração de *La Capella Reial de la Catalunya*), *As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz*, de Haydn, a ópera *Una Cosa Rara*, de Martin i Soler (com *La Capella Reial de Catalunya* e solistas), *Canticum ad Beatam Virginem Mariam*, de Charpentier, e *Water Music*, de Haendel.

Reconhecido internacionalmente como um dos principais intérpretes e mais destacados conhecedores da música antiga inglesa, espanhola e francesa, universos aparentados porém distintos, Jordi Savall é também um dos artistas mais polivalentes de sua geração, atuando como violista da gamba, diretor musical, pesquisador, regente, pedagogo e criador de um estilo próprio. Com sua participação no filme *Tous les Matins du Monde* (que mereceu 7 prêmios *César*, inclusive o de melhor trilha sonora), de Alain Corneau, Savall mostrou que a música antiga não é nem elitista nem minoritária e que é capaz de atrair a atenção do grande público e dos jovens.

A discografia de Jordi Savall – à frente de *Hespèrion XX*, *La Capella Reial de Catalunya*, *Les Concerts de Nations* e de outras formações e solistas – inclui mais de 80 álbuns, diversos deles agraciados com importantes prêmios do mundo do disco, dentre os quais se destacam o *Edison Klassiek*, o *Grand Prix de l'Académie du Disque Français*, o *Grand Prix de l'Académie Charles Cros*, o *Prix de l'Académie du Disque Lyrique*,

o *Orphée d'Or*, o *Grand Prix FNAC du Disque Classique*, o *Diapason d'Or*, o *Grand Prix de la Nouvelle Académie du Disque*, o *Disque d'Or RTL*, a *Croisette d'Or* e o *Super Classique d'Or RTL*.

Professor da *Schola Cantorum Basiliensis*, onde leciona viola da gamba e música de câmara desde 1973, Jordi Savall, pela relevância de sua contribuição à música e às artes, foi agraciado com os títulos de *Officier de l'Ordre des Arts et Lettres*, outorgado pelo Ministério da Cultura da França, *Creu de Sant Jordi*, pela *Generalitat de Catalunya*, *Musicien de l'Année 1982*, pela Associação *Le Monde de la Musique*, e *Soliste de l'Année 1993*, que recebeu por ocasião das *VIII Victoires de la Musique*.

Montserrat Figueras

soprano





Natural da cidade de Barcelona, onde fez seus primeiros estudos de canto, Montserrat Figueras, ainda adolescente, integrou importantes conjuntos musicais da Espanha, como o *Cor Alleluia* e o *Ars Musicae*, sob orientação e regência de Enric Gispert. Em 1966, iniciou seus estudos sobre as antigas técnicas de canto, desenvolvendo uma concepção bastante pessoal desse repertório, independente de toda e qualquer influência pós-romântica. Dois anos depois radicou-se na Suíça, onde aperfeiçoou seus conhecimentos musicais e vocais na *Schola Cantorum Basiliensis* e na *Musik Akademie* daquela cidade.

Como solista e integrante de *Hespèrion XX*, do qual é membro fundador, e como artista convidada de *La Capella Reial de Catalunya*, Montserrat Figueras vem-se apresentando na maior parte dos países europeus e nos Estados Unidos, gravou programas para o rádio e a televisão e participou de dezenas de gravações.

A discografia da soprano – registrada para os selos *Emi Electrola*, *Astrée*, *Philips*, *Harmonia Mundi/Schola Cantorum Documenta* e *Deutsche Grammophon* – inclui diversos álbuns, dentre os quais se destacam: *Reflexe* (importante série de música hispânica), *Le Chant de la Sybille* (com *La Capella Reial de Catalunya*, regência Savall, na “estréia” mundial das versões latina, provençal e catalã, dos séculos X, XII e XIX respectivamente), *Villancicos & Ensaladas* (de Bartolomeu Carceres e de compositores anônimos do século XVI, com *La Capella Reial de Catalunya*, regência Savall), *Luys Milan, El Maestro* (ao lado de Hopkinson Smith) e *Ariette Italiane, Seguidillas & Variaciones* (de Fernando Sor, ao lado de José Miguel Moreno).

Agraciada com os prêmios *Edison Klassiek* e *Grand Prix du Disque*, Montserrat Figueras colabora com a *Schola Cantorum Basiliensis*, onde é responsável por inúmeros seminários de canto, e ministra regularmente cursos internacionais de aperfeiçoamento vocal e musical em prestigiosas instituições de ensino da Alemanha, da Itália, de Portugal, da Espanha e da França.





Hespèrion XX e La Capella Reial de Catalunya

Jordi Savall, direção

Hespèrion XX

MANFREDO KRAEMER, violino barroco

PABLO VALETTI, violino barroco

JORDI SAVALL, viola da gamba soprano

SERGI CASADEMUNT, viola da gamba tenor

JUAN MANUEL QUINTANA, viola da gamba baixo

LORENZ DUFSCHMID, *violone*

MICHAEL BEHRINGER, *clavicembalo*

XAVIER DIAZ, *tiorba* & guitarra

PEDRO ESTEVAN, percussão

La Capella Reial de Catalunya

MONTserrat FIGUERAS, soprano


CARLOS MENA, contratenor

LAMBERT CLIMENT, tenor

FRANCESC GARRIGOSA, tenor

DANIELE CARNOVICH, baixo

Na Espanha, *La Capella Reial de Catalunya* tem patrocínio da *Generalitat de Catalunya* e conta com o apoio de *IBERIA Lineas Aereas*.



Programa

22 DE OUTUBRO – QUARTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

GIULIO ABONDANTE (floresceu entre 1546 e 1587)

Pavana: Le Forze d'Hercole

LOPE DE VEGA (1562 – 1653)

Romance: Y a es tiempo de recoger

MANUEL MACHADO (circa 1590 – 1646)

Romance: Afuera que sale

LUIGI ROSSI (1598 – 1653)

Lamento d'Orfeo: Lasciate Averno

Fantasia: Il pianto d'Orfeo

TARQUINIO MERULA (circa 1594 – 1665)

Su la cetra amorosa

CLAUDIO MONTEVERDI (1567 – 1643)

Sinfonia a 5

Tirsi e Clori: Concertato con voci et istrumenti a 5

Segunda Parte

SAMUEL SCHEIDT (1587 – 1654)

Canzon super "Est-ce Mars"

CLAUDIO MONTEVERDI

Gira il nemico insidioso, a 3 voci

ANTONIO FALCONIERO

Passacalles

CLAUDIO MONTEVERDI

Lamento della Ninfa

JOAN CEREROLS (1618 – 1676)

Spagnoletta: Serafin que con dulce harmonia

WILLIAM BRADE (1560 – 1630)

Danza dei Satiri & Danza delle Streghe

ANÔNIMO

Jácaras: No hay que decirle el primor

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

Orquestra Filarmônica de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*

11 DE NOVEMBRO

DUKAS *L'Apprenti Sorcier*

BARTÓK *Concerto para Piano n° 3*

DVORAK *Sinfonia n° 7*

12 E 13 DE NOVEMBRO

BRAHMS *Concerto para Piano n° 2*

RAVEL *Rhapsodie Espagnole*

Alborada del Gracioso

Bolero

O PROGRAMA

Este espetáculo que reúne as vozes de *La Capella Reial de Catalunya* e os instrumentos de *Hespèrion XX*, grupos criados e liderados pelo regente, gambista e musicólogo catalão Jordi Savall, tem dupla e entrecruzada temática. Por um prisma, o programa enfoca as relações existentes entre a Música e a Mitologia (greco-romana), uma aquisição renascentista – humanista, portanto – que continuaria a dar frutos durante o período barroco. Na época, a aristocracia se comprazia em ver-se retratada através dos deuses e semideuses provenientes do imaginário clássico. Por outro lado, ao fazer referência ao “Oitavo Livro de Madrigais” de Claudio Monteverdi (*Madrigali guerrieri et amorosi*, de 1638), este programa acentua não apenas a temática amorosa, vista pelo viés de uma atividade combativa, como a situação social de uma época perturbada por várias guerras. Por outro lado, ainda, este espetáculo enfoca a riquíssima época na qual as práticas musicais renascentistas, ligadas à polifonia, são gradativamente substituídas pelos novos processos barrocos ligados à homofonia e à melodia acompanhada, expressiva e teatral.

OS COMPOSITORES

GIULIO ABONDANTE (floresceu entre 1546 e 1587) foi compositor e alaúdistas italiano, provavelmente de origem veneziana, como sugere esta outra grafia de seu nome: Julio Abundante, dal Pestrino. Viveu a fase final do Renascimento musical, instante em que a música instrumental começa a ganhar autonomia em relação à vocal. Parece ter publicado pelo menos cinco volumes de partituras destinadas ao alaúde, dos quais três sobreviveram. Neles encontram-se *ricercares*, fantasias de estilo ornamentado e danças em várias seções baseadas na técnica da variação, além de transcrições de canções, madrigais e motetos. Entre estas últimas localizam-se adaptações da música vocal de Willaert, Rore, Arcadelt, Janequin, Vicentino, Barré, Nollet e Payen.

LOPE DE VEGA (1562 – 1653), um dos maiores artistas espanhóis de sua época, foi dramaturgo, poeta, romancista e teórico, autor de “A Nova Arte de Escrever Comédias”. Escreveu cerca de mil e quinhentas peças teatrais, das quais uma

terça parte chegou até nós. Muitos dos seus sonetos, baladas e canções foram musicados em seu tempo, por compositores nem sempre identificados.

MANUEL MACHADO (circa 1590 – 1646), compositor e multi-instrumentista português de Lisboa, passou grande parte de sua vida na Espanha. Ali pertenceu à capela musical de Felipe III, para onde foi levado pelo pai, harpista. Todas as suas vinte canções seculares que sobreviveram foram compostas sobre textos espanhóis e têm expressividade comparável à de seus colegas de Espanha da época. Suas harmonias são notavelmente ricas e suas constantes mudanças de metro e andamento refletem os vários ânimos dos textos poéticos musicados. Destinadas a vozes – de uma a cinco – e baixo-contínuo, essas canções contêm com frequência *estrivos* e *coplas*, aderindo à nova prática formal barroca.

LUIGI ROSSI (1598 – 1653) foi compositor, professor de canto e tecladista italiano que se formou em Nápoles e serviu a vários nobres e à Igreja. Trabalhou sobretudo em Roma e em Florença; no final da década de 1640, passou duas temporadas em Paris. Ali, sua ópera *Orfeo* (1647) obteve grande sucesso em suntuosa montagem de seis horas de duração. Além de duas óperas (a outra é *Il palazzo incantato*, de 1642) e de meia-dúzia de oratórios, Rossi contribuiu grandemente para o desenvolvimento da cantata de câmara, compondo mais de trezentas delas. Deixou canções monódicas, serenatas, duetos e quartetos vocais, ao lado de alguma música religiosa e de algumas partituras instrumentais. Suas duas óperas representam a culminância do gênero romano da primeira metade do século XVII. Elas são espetáculos grandiosos contendo coros, balés, com muitas personagens envolvidas em intrincadas intrigas, que comportam até mesmo cenas cômicas. Nelas está presente um novo tipo de lirismo, expresso através de um *bel canto* que tem algumas de suas fontes na música napolitana. Belas e bem torneadas melodias prevalecem em *Orfeo*, enquanto é o recitativo que impera em *Il palazzo incantato*. Compôs dezessete lamentos que lembram o recitativo das primeiras óperas, sobretudo as de

Monteverdi, mas que Rossi caracteriza através de uma ordem particular dos acontecimentos textuais e musicais.

TARQUINIO MERULA (circa 1594 – 1665) nasceu em Cremona, norte da Itália, e foi compositor, organista e violinista. Trabalhou na corte da Polônia (1624), de onde retornou à sua cidade natal. Também dirigiu a música da catedral de Bérgamo (1631–1632), de onde foi demitido por “comportamento indecente em relação a vários alunos”. Passou a maior parte de sua vida em Cremona, conseguindo publicar várias coleções de música sacra e de música secular – vocal e instrumental. Foi compositor progressista e preocupado com questões concernentes à forma. Em muitas de suas obras, figuras em *ostinato* são empregadas para dar unidade a um discurso de amplas proporções. Sua produção sacra – motetos, salmos, missas, *concerti spirituali* e *sonate concertati* – é influenciada pela arte veneziana, sobretudo a de Giovanni Gabrieli e a de Claudio Monteverdi. Notável compositor de música instrumental, revela em suas tocatas, caprichos e *canzoni da suonare* uma audácia de invenção incomum, que muito provavelmente influenciou Frescobaldi e Sweelinck. Na música vocal profana, Merula deu ênfase ao madrigal para voz solista, ao qual procurou dar um novo equilíbrio entre linha vocal e texto poético. Em *Su la cetra amorosa*, o baixo obstinado da *ciaccona* tem significação, além de formal, extra-musical. É que ela encarna a própria prática do amante infeliz que deve cantar sem cessar novas canções de amor com sua lira apaixonada (*cetra amorosa*).

CLAUDIO MONTEVERDI (1567 – 1643) não foi apenas o maior gênio de sua época: na atualidade, seu nome é colocado entre os dos artistas efetivamente grandes de toda a História da Música Ocidental. Nascido em Cremona, trabalhou sobretudo na corte de Mântua e na Catedral de São Marcos, em Veneza. Expressou-se através de múltiplos gêneros, sendo mestre tanto na polifonia renascentista (a qual chamava de “primeira prática”) quanto na monodia acompanhada barroca (“segunda prática”). Criou gêneros de interpretação distintos – *genere molle* – suave e

lento; *genere concitato* – agitado; e *genere temperato* – temperado –, a fim de recobrir as várias emoções dos textos poéticos musicados. No domínio da música profana, deixou numerosos madrigais coligidos em oito volumes. De suas muitas óperas, apenas três sobreviveram – *Orfeo* (1607), *Il ritorno d'Ulisse in Patria* (1640) e *L'incoronazione di Poppea* (1642). Com toda justiça, elas são consideradas as primeiras efetivas obras-primas do setor operístico. No domínio da música sacra, onde realizou experiências formais de toda ordem, destacam-se sobretudo as *Vesperas da Beatíssima Virgem* (1610) e a monumental coleção *Selva morale e spirituale* (1641). O balé com partes cantadas *Tirsi e Clori* foi apresentado pela primeira vez em Mântua (1616) e publicado em *Concerto: settimo libro di madrigali con altri generi de canti* (1619), e seu texto faz referências à concórdia amorosa. Dos *Madrigali guerrieri et amorosi con alcuni opuscoli in genere rappresentativo che saranno per brevi episodii fra i canti senza gesto: libro ottavo* (1638) fazem parte: *Gira il nemico insidioso* – peça a seis partes, de uma a três vozes –, onde o inimigo a ser combatido é o próprio deus do amor; e *Lamento della Ninfa*, no qual a voz solista encarna a Ninfa abandonada pelo amante, um trio de vozes considera a sua infelicidade e o *ostinato* instrumental do baixo contínuo dá a impressão de ser a própria expressão do lamento.

SAMUEL SCHEIDT (1587 – 1654) integra a primeira geração de grandes músicos do barroco alemão, ao lado de Schein e Schütz. Saxão de Halle, foi compositor e organista notável tanto na música para teclado quanto na música sacra vocal, combinando o contraponto tradicional com o novo estilo italiano do concerto. Fez toda a sua carreira em sua cidade natal, só se distanciando dali para estudar com Sweelinck, em Amsterdã (1608–1609), ou para inspecionar e inaugurar novos órgãos. Deixou obra bastante numerosa, em vários gêneros. Boa parte dela foi publicada em vida pelo compositor, em volumes como *Cantiones sacrae*, *Geistlicher Concerten* e *Tabulatura nova*. Esta última coleção, de 1624, é um monumental e pioneiro compêndio para órgão de arranjos de canções e danças, contendo ainda grupos de variações, fantasias, tocatas, fugas e peças litúrgicas para o ofício luterano. *Canzon super "Est-ce Mars"* é destinada a cinco

instrumentos melódicos e baixo-contínuo, baseando-se em melodia aparecida inicialmente em um *ballet de cour* francês, de 1601. Obra de polifonia harmônica, essa *canzona* foi publicada na coleção *Paduana, galliarda, courante, alemande, intrada, canzonetto, ut vocant, in gratiam musices studiosorum, potissimum, violistarum, a 4, 5, bc*, publicada em Hamburgo, em 1621.

JOAN CEREROLS (1618 – 1676), compositor catalão, passou toda a sua vida no mosteiro de Montserrat – primeiro como menino-cantor, depois como noviço e, por fim, como monge possivelmente responsável pela vida musical da instituição. Além de compositor prolífico, tocava órgão, harpa, violino e outros instrumentos de cordas. Foi mestre no manejo de contrastes estabelecidos entre passagens polifônicas e homofônicas, entre trechos para quatro vozes e para voz solista. Consideram-se suas obras mais características os *villancicos* espanhóis, freqüentemente à base de refrão e de ritmos vivos. O original de *Serafin que con dulce harmonia* foi destinado a oito vozes e baixo-contínuo.

WILLIAM BRADÉ (1560 – 1630), violinista, violista e compositor inglês, passou boa parte de sua vida no exterior, a partir de 1594. Esteve pelo menos durante dois períodos trabalhando na corte dinamarquesa, e seus préstimos de compositor e de virtuose foram colocados à disposição de várias cidades alemãs. Em Halle, teve contato com Scheidt, possivelmente colocando-o a par das danças inglesas da época. Morreu em Hamburgo, cidade que escolheu por ela ter-se mantido neutra durante a Guerra dos 30 Anos. Entre 1609 e 1621 publicou cinco volumes de danças que marcam uma importante etapa no desenvolvimento da suíte – seqüência de danças de caráter contrastante, algumas das quais praticamente desconhecidas na Alemanha, como *branle, maschera* e *volta*. A *Dança dos Sátiros* e a *Dança das Bruxas* apontam para o seu gosto pelo pitoresco. Como outros compositores ingleses do período que exerceram grande influência sobre a música instrumental alemã, Bradé modificou a tradição da polifonia da música instrumental, em favor de um estilo mais homofônico.



Y A ES TIEMPO DE RECOGER

Soldados de mi memoria,
escapados y vencidos
de una batalla tan loca,

Toca, toca a recoger
toca, que marcha,
que marcha el tiempo
y la jornada es corta.

AFUERA QUE SALE

Afuera, afuera que sale
con ejercitos de flores
la arrogancia del Abril
a la campaña de un bosque.

A sus fuerzas la nieve
no se le oponga:
mire, no quede
sin la victoria.

LAMENTO D'ORFEO: LASCIATE AVERNO

*Scena decima e ultima (Orfeo, Giove,
Mercurio, Choro Celeste)*

Orfeo

Lasciate Averno, o pene, e me seguite!
Quel ben ch'à me si toglie
Riman là giù, né ponno angoscie e doglie
Star già mai seco unite.

Piú penoso ricetta
Più disperato loco
Del mio misero petto
Non hà l'eterno foco:
Sono le miserie mie solo infinite.
Lasciate Averno, o pene, e me seguite!

E voi, del Tracio suol piaggie ridenti.
Ch'imparando à gioir da la mia Cetra
Gareggiaste con l'Etra,
Hor, all'aspetto sol de miei tormenti,
D'horror vi ricoprite,
E tu, Cetra infelice,
Oblia gli accenti tuoi già sì canori,
E per ogni pendice
Vien pur meco piangendo i miei dolori.
Son le gioie per noi tutte smarrite,
Lasciate Averno, o pene, e me seguite!

Ma che tardo à morire,
Se può con lieta sorte

Ricondurmi la morte
Alla bella cagion del mio languire?
Orfeo dunque, à morire!
À morire! À morire!

SU LA CETRA AMOROSA

Su la cetra amorosa
In dolce e lieto stile
Io non pensavo mai di più cantar.
Ch' anima tormentosa
In suo funesto umile
Dovea pianger 'mai sempre e sospirar.
Pur da nova cagion
Chiamato son d'amor si cant'e al suon.

Io, ch'amante infelice
Ceneri fredde a pena
Dai rogo riportai d'infaust'amor
Senta che più non lice
Con roca e stanca lena
Narrar le fiamme antich'e'l vecchio ardor
Ora che novo sol
M'accende e vuol ch'io di lui canti sol.

Questa lacera spoglia
D'un cor traffico ed arso
Miserabile avanzo dei nartir
Invece che l'accoglia
Povero avello e scarso
Amor tiranno anche pur vuol ferir,
Eccomi fatto ugual
Scuopo al suo stral dispietato e mortal.

Io non intesi mai
Che si tragga di tomba
Nemico estinto a farli guerra più
E pur amor omai
Sona guerriera tromba
Pur contro chi d'amor già morto fu.

Ecco a battaglia me
Rappella, ahimè, d'amor, d'onor, di fè

Ei potea pur lasciarmi
Sepolt'infra i cipressi
O nel sasso d'Elisa argente e dur.
O con più gloria l'armi
Volge contro quei stessi
Cori ch'al regno suo rubelli fur.
E in pace me lasciar
Dopo il penar mort almen riposar.

Pur se di novo vuoi
Ch'io porti il cor piagato
Di tue quadrella, o dispietato arcier
S'ancor de lacci tuoi
Mi vuoi ch'avampi del tuo fuoco, o fier
Deh, meco almen fa sì
Ch'arda così colei che mi ferì.

E se tu vuoi ch'io canti
Nove fiamme altri ardori
E divina beltà scesa dal ciel
Fa sì ch'anch'io mi vanti
D'esser tra casti allori
Degno di non morir sempre di gel
Ch'i più canori augei
Io emulerei s'i dolce canterei.

TIRSI E CLORI

Ballo concertato con voce et istrumenti a 5

Tirsi

Per monti per valli
bellissima Clori
già coronato a balli
le ninfe e pastori
già lieta e festosa
ha tutto ingombrato
la schiera amorosa
il seno del prato.

Clori

Dolcissimo Tirsi
già vano ad unirsi
già tiene legata
l'amata, l'amata
già movon concorde
il suono a le corde
noi soli negleti
qui stiamo soletti

Tirsi

Su Clori mio core
andiam a quel loco
ch'invitan' al gioco
le Grazie ed Amori.
Già Tirsi distendi
la mano e ti prende
che teco sol vole
menar le carole.

Clori

Si Tirsi mia vita
ch'a te solo unita

vo girne danzando
vo girne cantando
pastor benche degno
non faccia de segno
di mover le piante
con clori su'amante.

Clori & Tirsi

Già Clori gentile
noi siam ne la schiera
con dolce maniera
seguiam I lor stile.
Balliamo ed in tanto
spieghiamo col canto
con dolci bei modi
del ballo de lodi.

Il ballo

Balliamo ch'il gregge
al suon de l'avena
che i passi corregge
Il ballo ne mena
e ballano e saltano snelli
e saltano caprie gli agnelli.

Balliam che nel cielo
con lucido velo
al suon de le sfere
hor lente hor leggiere
con lumi e facele
su danzan le stelle.

Balliam che d'intorno
nel torbido giorno
al suon de' venti
le nubi correnti
pur danzan leggiadre
se ben fosche e adre.

Balliamo che l'onde
al vento che spira
le move e l'aggira
le spinge confonde
si come lor siede
se movon il piede
e ballan le linfe
quai garuli Ninfe

Balliam che i vezzosi
bei fior ruggiadosi
se l'aura si scuote
con urti e con ruote
fan vaga sembianza
anch'essi di danza.



Balliamo e giriamo
corriamo e saltiamo
qual cosa è più degna
il ballo c'insegna.
Balliamo e giriamo
corriamo e saltiamo
qual cosa è più degna
il ballo c'insegna.

GIRA IL NEMICO INSIDIOSO AMORE
Canzonetta di Giulio Strozzi, (1583-1660)

Gira il nemico
insidioso Amore
la rocca del mio core.
Su presto ch'egli
qui poco lontano,
armi alla mano!

Nol lasciamo accostar,
ch'egli non saglia
sulla fiacca muraglia
ma facciam fuor
una sortita bella
butta la sella!

Armi false non son,
ch'ei s'avvicina
col grosso la cortina
Su presto, ch'egli
qui poco discosto
tutti al suo posto!

Vuol degl'occhi
attacar il baloardo
con impeto gagliardo.
Su presto ch'egli
qui senz'alcun fallo
tutti a cavallo!

Non è più tempo,
ohimè, ch'egli ad un tratto
del cor padron s'è fatto
A gambe, a salvo
chi si può salvare
all'andare!

Cor mio, non val fuggir,
sei morto e servo
d'un tiranno protervo,
ch'el vincitor, ch'è già
dentro alla piazza,
grida: Foco, ammazza!

LAMENTO DELLA NINFA

Non havea Febo ancora
recato al mondo il di
ch'una donzella fuora
del proprio albergo uscì.

Sul pallidetto volto
scorgeasi il suo dolor,
spesso gli venia sciolto
un gran sospir dal core.

Sì calpestando fiori
errava hor qua hor là,
i suoi perduti amori
così piangendo va:

"Amor", dicea; il ciel
mirando, il piè fermò
"Amor, dov'è la fè
che'l traditor giurò?"

Fa che ritorni il mio
amor com'ei pur fu,
o tu m'ancidi ch'io
non mi tormenti più.

Non vo' più che i sospiri
se non lontano da me;
no, no che i suoi martiri
più non dirammi affè.

Perchè di lui mi struggo
tutt'orgoglioso sta
che sì, che sì se'l fuggo
ancor mi pregherà.

Se ciglio ha più sereno
colei ch'il mio non è,
già non richiude in seno,
amor si bella fe'!

Ne mai si dolci baci
da quella bocca avrà
ne più soavi – ah taci
taci, che troppo il sa."

Sì tra sdegnosi pianti
spargea le voici al ciel,
così ne'cori amanti
mesce amor fiamma e gel.

SPAGNOLETTA: SERAFIN QUE
CON DULCE HARMONIA

Estribillo

Serafin, que con dulce harmonía,
la Vida que nace requebrando estás;
cántale glorias mirándole en penas,
que amante y quejoso, su alivio es un! ay!

Copla

Tan fragrantés, lucientes y bellas
en cielo y tierra distantes se ven
las estrellas vestir de colores;
las flores brillar y las selvas arder.

NO HAY QUE DECIRLE EL PRIMOR

No hay que decirle el primor
ni con el valor que sale,
que yo se que esla zagala
de las que rompen el aire.

Tan bizarra y presumida
tan valiente es y arrogante
que ha jurado que ella sola
ha de vencer al Dios Marte

Si sale, que la festejan
las florecillas y aves,
juzgara que son temores
lo que haceis por agradables.

Muera con la confusion de su arrogancia
pues tra por blason de la victoria,
rayos con que ha de abrasarse.

Coordenação editorial RUI FONTANA LOPEZ

Fotos ALVARO YAÑEZ (Hespèrion) e ALBERT AYMAMI (Savall e Figueras)

Projeto gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. ALMEIDA

Edição eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Tradução MARIA CLÁUDIA FITTIPALDI

Fotólitos e impressão OESP GRÁFICA



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada

Abril 8 - 18 - 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 - 15 - 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maió 20 - 21 - 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 - 3 - 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 - 24 - 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 - 3 - 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 - 28 - 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 - 16 - 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 - 7 - 8

Gustav Leonhardt, *cravo*

Novembro 11 - 12 - 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*

